

Que é feito dos originais do Antigo Testamento?

Ariel Álvarez Valdés
arialvavaldes@yahoo.com.ar

Actualmente, a Bíblia está traduzida em 2.123 línguas, isto é, em quase todos os idiomas do mundo. Por continentes, as traduções distribuem-se do modo seguinte: Europa, 191 línguas; África, 601 línguas; Ásia, 530 línguas; América, 446 línguas; Oceânia, 355 línguas.

À procura dos originais

Mas todas estas são traduções. Onde estão os “originais” da Bíblia, ou seja, os livros que foram escritos em hebraico, aramaico e grego? Quem os tem?

Os livros do Antigo Testamento e os do Novo Testamento tiveram histórias separadas. Neste artigo tentaremos averiguar o que aconteceu com os livros originais do Antigo Testamento.

Pois bem, a abrir devemos dizer que os originais do Antigo Testamento não existem. Mas como?! Então o livro do Génesis, o livro do profeta Isaías, o livro dos Salmos, não chegaram até nós? Foram todos perdidos? Sim. E porquê? Porque naquela época o material que se utilizava para escrever os livros era o “papiro”, isto é, uma folha de papel fabricada com o talo de uma planta, chamada exactamente “papiro”, muito comum no Egipto e muito económica, mas que tinha um sério inconveniente: era frágil e de vida breve. Se fosse muito manipulada (como no caso destes livros), não durava mais de cinquenta anos. Portanto, todos os livros originais da Bíblia, poucas décadas depois de serem escritos, já tinham desaparecido.

Não existe quase nenhum manuscrito da Bíblia anterior ao séc. IX, excepto os manuscritos do Mar Morto, descobertos no séc. passado, que são do séc. I antes de Cristo (na imagem abaixo)



De um livro, vários livros

Donde procedem, então, as Bíblias que temos hoje? Felizmente, antes de se perderem aqueles livros originais foram feitas algumas cópias, que chegaram até nós depois de sofrerem um longo processo. Este processo pode dividir-se em cinco etapas.

A **primeira** é a chamada “**etapa do pluralismo textual**”. Vai do ano 1000 a.C. – quando se escreveram os primeiros livros da Bíblia – até ao ano 70 d.C.. Porque se chama “pluralismo textual”? Porque durante esta época houve várias versões diferentes de cada livro da Bíblia, e não apenas uma.

Vejamos um exemplo. O livro do profeta Isaías foi composto por volta do ano 700 a.C.. Como estava escrito em folhas de papiro, alguns anos depois já tinha desaparecido. Mas, antes de se desintegrar pelo uso, os discípulos do profeta conseguiram fazer algumas cópias. As quais, por serem feitas também de papiro, desapareceram poucos anos mais tarde. Mas antes que se perdessem, de cada uma destas cópias fizeram-se novas cópias, que também se perderam. Mas as cópias continuavam, de tal maneira que, ao chegar o ano 70 da era cristã, os judeus deram-se conta de que não existia “um” livro do profeta Isaías, mas vários livros.

E isto que aconteceu com o livro de Isaías, sucedeu com todos os livros da Bíblia: com o passar dos anos, chegou a haver várias cópias de cada um.

Erros acidentais

Tudo isso nada teria de mau, se esses exemplares que circulavam não fossem diferentes entre si. Porquê? Porque naquela época, como as cópias eram feitas à mão, podiam ser introduzidas modificações no texto, voluntária ou involuntariamente. E se no fim um livro tinha sofrido, por exemplo, dez modificações, quando o próximo copista fizesse uma nova cópia dele, incorporaria essas alte-

rações na sua obra. Ao mesmo tempo que, por sua vez, acrescentava as suas próprias modificações, que depois passariam para as futuras cópias. E assim, com o tempo, as cópias posteriores iam-se afastando lentamente do original.

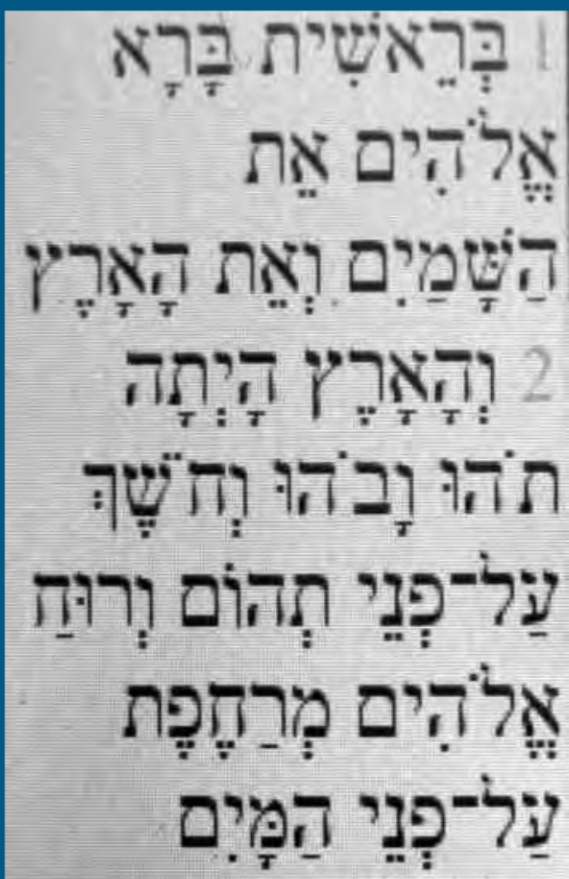
Um exemplo de um erro ao copiar, temos-lo em Is 32,19. Das versões que chegaram até nós, umas dizem “hyir” (=a cidade); mas noutras, o escriba inverteu as letras e escreveu “hiyr” (=o bosque). Qual dos dois é a versão autêntica?

Outro erro, encontramos-lo em 1 Sm 10, 1. Ali, o livro original dizia: «*Javé ungiu-te como chefe do povo...*» e continuava a frase; na linha seguinte, dizia: «*Javé ungiu-te como chefe do povo.*» Como as duas linhas começavam de modo semelhante, quando o escriba fez a sua cópia começou a escrever a primeira, e a meio continuou com a segunda, omitindo assim todo o resto da primeira linha; por isso actualmente temos manuscritos com as duas versões.

Um salmo contraditório

Outras vezes sucedia que o copista dispunha de dois manuscritos do mesmo livro para fazer a sua cópia. Mas com versões diferentes. E, ao não saber qual das duas versões era a original, acabou por incluir as duas. Um exemplo disso é o Salmo 10,3. Vê-se que o copista tinha um manuscrito que dizia: «*O avaro bendiz ao Senhor*», e outro que dizia exactamente o contrário: «*O avaro despreza o Senhor.*» E ao duvidar qual era a correcta, decidiu pôr as duas. Por isso actualmente as nossas Bíblias dizem: «*O avaro bendiz, despreza o Senhor.*»

Também sucedia às vezes algum escriba encontrar no texto que copiava algo que lhe parecia ofensivo ou indecoroso para a sacralidade da Escritura, e então mudava-o. Por exemplo, no 2 Rs 18,27 o texto dizia: «*Os soldados que se encontram na muralha têm que*



Bíblia Hebraica, correspondente aos dois primeiros versículos do livro do Genesis, com as vogais que os massoretas colocaram por baixo das consoantes.

comer os seus excrementos e beber a sua urina.» Alguns manuscritos, em vez do vulgar “jará” (excrementos) põem outra palavra mais suave. E assim chegaram até nós as duas versões: uma com o grosseiro “jará”, e outra com uma palavra hebraica mais delicada.

Assim, pois, as novas cópias dos livros bíblicos iam saindo com pequenos erros (atualmente chamados “variantes”). E com estas alterações eram enviadas a outras comunidades judaicas, as quais, ao fazerem as suas cópias, incorporavam as modificações e acrescentavam outras novas devido aos erros do novo copista.

Salvar as consoantes

No ano 70 da era cristã, Israel sofreu uma terrível catástrofe. Os romanos invadiram o país e destruíram o mais sagrado que ali havia: o Templo. Os judeus ficaram, assim, sem aquilo que constituía o centro da sua vida e da sua unidade cultural.

Não podendo, já, agarrar-se ao Templo, os judeus buscaram algo que pudesse substituí-lo para se manterem unidos como povo. E encontraram-no na Bíblia.

Mas havia um problema. A Bíblia circulava em cópias, bastante diferentes umas das outras, de modo que não existia um texto bíblico único.

Os judeus da Palestina, por exemplo, liam uma versão diferente da dos judeus da Babilónia, e da dos judeus do Egipto. Mesmo dentro destes países circulavam cópias diferentes nas diversas comunidades. Qual de todas era a mais próxima do original?

Deram-se conta, então, que era necessário rever todos estes textos que circulavam, compará-los, analisá-los e redigir uma nova versão única do Texto Sagrado que servisse para todos.

E entrou-se, assim, na **segunda etapa** do texto bíblico, chamada da “**fixação do texto consonântico**”. Porque, como a língua hebraica não se escrevia com vogais mas apenas com consoantes, o que se intentou fixar foi o “texto consonântico” da Bíblia.

O trabalho foi realizado por um grupo de rabinos chamados “soferim” (que em hebraico significa “escribas”), e que trabalharam desde finais do séc. I até finais do séc. II.

Durante este longo processo realizaram uma tarefa colossal e impressionante. Estudaram os manuscritos, descobriram as diferenças, trataram de encontrar a versão original, eliminaram as variantes e, após um trabalho minucioso, chegaram finalmente a fixar o texto hebraico definitivo.

A letra do meio

Mas os soferim não procuraram apenas reconstruir o texto hebraico perdido. Também tomaram uma série de medidas para que no futuro não voltassem a distorcê-lo. Por exemplo, separaram as palavras entre si (pois naquela época escrevia-se tudo seguido); dividiram o texto em versículos para que fosse mais fácil copiá-lo; e chegaram a contar uma por uma todas as letras de cada livro, para que nas futuras cópias se pudesse saber se sobrava ou faltava alguma palavra.

Chegaram a localizar a **letra** que está exactamente no meio de todo o Pentateuco: “o” da palavra “gajon” (=ventre) em Lv 11, 42. Fizeram o mesmo com a **palavra** que está exactamente no meio de todo o Pentateuco: “darosh” (=perguntou), em Lv 10,16. E a palavra que está exactamente no meio de toda a Escritura: “bor” (=poço), em Jr 6,7. Além disso, formaram uma lista com todas as palavras, e a quantidade de vezes que aparecem em cada livro. A partir daí, a Escritura adquiriu uma sacralidade impressionante. E foi tal o respeito que começou a impor, que se estabeleceu: daí em diante, ao fazer uma cópia, se alguém por engano escrevesse mal uma palavra, não podia apagá-la nem cortá-la, mas devia encerrá-la dentro de um círculo e escrever à margem a palavra correcta.

Graças às vogais

A etapa do “texto consonântico fixo” durou até ao séc. VI, em que surgiu um novo problema. A língua hebraica, como sabemos, escrevia-se somente com consoantes, e o leitor acrescentava de memória as vogais ao ler o texto. Mas pouco a pouco os judeus foram-se esquecendo do hebraico, substituíram-no pelo aramaico (ou pela língua dos países onde viviam). E assim, aos sábados nas sinagogas o texto hebreu da Bíblia foi-se tornando cada vez mais difícil de ler, de entender e de pronunciar correctamente.

Para solucionar o problema, um grupo de estudiosos judeus que vivia na cidade de Tiberíades (da Galileia), decidiu inventar vogais para serem acrescentadas ao texto bíblico, a fim de que aqueles que já não o entendiam, pelo menos pudessem lê-lo bem. Os rabinos que trabalharam nesta tarefa foram chamados “massoretas” (da palavra hebraica “massora” = tradição).

Criaram 10 vogais para escrever por baixo das palavras (assim não se mudava o texto sagrado), que serviriam para indicar como pronunciá-las. Deste modo, o texto bíblico entrou na sua **terceira etapa**: a da “**fixação do texto vocálico**”.

A tarefa dos massoretas não foi fácil. Havia que decidir cuidadosamente, palavra por palavra, as vogais que deviam ser apostas a cada uma. Durante 300 anos, do séc. VI ao séc. IX, os massoretas trabalharam para poderem fixar as vogais de toda a Bíblia. Finalmente, a este texto bíblico vocalizado chamaram “**texto massorético**”, passando a ser o novo texto oficial entre os judeus, em substituição de todos os outros sem vogais que circulavam e se prestavam a confusão.

Os cristãos não tinham estes problemas; pois, como não entendiam o hebreu, liam o Antigo Testamento em latim.

Quando as cópias foram queimadas

No séc. IX, tendo acabado o trabalho de colocação das vogais, e para que as outras cópias que circulavam não fosse mais utilizadas, os massoretas decidiram queimá-las. Deste modo, desapareceram todas as cópias da Bíblia que existiam antes do século IX.

A partir daqui, começaram novamente a ser copiados os manuscritos bíblicos. É por isso que actualmente não existe quase nenhum manuscrito da Bíblia anterior ao século IX (excepto os manuscritos do Mar Morto descobertos no século passado, que são do séc. I a.C.).

Mas, apesar do esforço dos judeus e do cuidado dos copistas em manterem fixo o texto bíblico, enquanto este continuou a ser copiado à mão sempre se produziram erros e modificações involuntárias, que deram lugar a versões diferentes da Bíblia. Por isso, ao longo destes séculos, novamente circularam diferentes versões do texto bíblico, embora às vezes as diferenças fossem menores.

Até que, em 1445, sucedeu um facto extraordinário que contribuiu para fixar definitivamente o texto bíblico: a invenção da imprensa, pelo alemão **João Gutenberg**. Com ela, estando o texto escrito em pranchas de

Uma das páginas da Bíblia de João Gutenberg, um alemão que inventou a imprensa em 1445 e acabou com 2500 anos de cópias da Bíblia à mão e os consequentes erros de cópia para cópia.



madeira, era possível corrigir os erros antes de imprimir; além disso, podia-se imprimir quantas vezes se quisesse sem o perigo de novos erros na cópia. Começou assim uma nova época para o texto bíblico hebreu, a **quarta**, chamada a etapa do “**texto impresso**”.

Em 1488, um grupo de judeus da cidade de Soncino (Itália) decidiram imprimir pela primeira vez o Antigo Testamento. Mas depararam-se com um problema: Que Antigo Testamento imprimir? Mais de 3.000 cópias circulavam já por todo o lado, diferentes umas das outras. Pois, apesar do esforço dos massoretas, 800 anos depois tinham voltado a produzir-se variantes e alterações.

Mas os judeus italianos não puseram problema nisso, e imprimiram o manuscrito que tinham à mão na sua sinagoga, sem se preocuparem muito com a sua qualidade. O que lhes interessava era o acontecimento extraordinário que estavam para viver: pela primeira vez, a Palavra de Deus poderia ser copiada rápida e facilmente, sem tensão face a possíveis novos erros. Graças ao génio de Gutenberg, culminavam assim 2500 anos de cópias à mão.

Qual deles todos imprimir?

A imprensa melhorou enormemente a qualidade da cópia da Bíblia. Quase já não havia erros, nem acréscimos tardios, nem problemas de caligrafia. Mas ainda persistia um problema: quando um tipógrafo queria publicar uma Bíblia, normalmente utilizava o manuscrito hebraico que tinha mais à mão, sem se preocupar grandemente com ele ser uma cópia fiável ou não.

Até que em 1937 dois estudiosos alemães, chamados **P. Kahle** e **R. Kittel**, depois de muito investigarem, concluíram que o texto hebreu mais credível para imprimir, e o mais próximo dos originais, era o chamado “**Códice de São Petersburgo**”. Tratava-se de um manuscrito do ano 1008 d.C., e que por isso

A ELABORAÇÃO DOS TEXTOS DO AT PASSOU POR CINCO ETAPAS:

- 1ª. **Pluralismo textual** (várias versões de cada livro): do ano 1000 a.C. até ao ano 70 d.C..
- 2ª. **Fixação do texto consonântico** (o texto hebraico tinha apenas consoantes): de fins do séc. I até fins do séc. VI.
- 3ª. **Fixação do texto vocálico** (acrescentar vogais às consoantes): do séc. VI ao séc. IX.
- 4ª. **Texto impresso** (após a invenção da imprensa por Gutenberg, em 1445): 1ª impressão da Bíblia, em Soncino, Itália, no ano 1488.
- 5ª. **Bíblia Hebraica Stuttgartense** (impressa em Stuttgart/Estugarda, na Alemanha): feita em 1977 por W. Rudolph, a partir do Códice de São Petersburgo, um manuscrito do ano 1008 d.C. considerado o mais próximo dos originais.

tinha o privilégio de ser (e continua a ser, actualmente) o mais antigo manuscrito da Bíblia hebraica completa existente no mundo. Encontra-se na Biblioteca Pública Nacional de São Petersburgo, na Rússia; daí o seu nome. Naquele ano, pois, os dois especialistas alemães imprimiram o Antigo Testamento baseando-se em tal Códice, e chamaram-lhe a “*Bíblia Hebraica*”.

Mas Kahle e Kittel cometeram um deslize. Em vez de imprimirem o Códice de São Petersburgo tal como estava, corrigiram-no e acrescentaram-lhe palavras, frases e variantes de outros manuscritos que eles tinham, julgando assim melhorá-lo. Com isso, o texto do Códice ficou desfigurado e modificado, e a “*Bíblia Hebraica*” que eles publicaram já não tinha o texto mais antigo do mundo.

Por isso, em 1977, outro filólogo alemão chamado **W. Rudolph** decidiu publicar uma nova Bíblia, mas seguindo totalmente o Códice de São Petersburgo. E chamou-lhe “*Bíblia Hebraica Stuttgartense*”, porque a imprimiu na cidade alemã de Estugarda (Stuttgart). Foi a **quinta etapa** nesta caminhada!

Como actualmente os biblistas cristãos abandonaram a Bíblia em latim, e buscaram o texto original hebraico, esta Bíblia de W. Rudolf é a que eles consideram como Bíblia “original”. E para ela se voltam ao pretendem fazer uma nova tradução da Bíblia em língua moderna. Por isso, todas as Bíblias actuais, na sua primeira página, costumam dizer: “tradução dos originais hebraicos” ou “versão dos textos originais”...

E o Verbo fez-se papel

Não existem os “originais” de nenhum livro do Antigo Testamento. Todos se perderam. O que chegou até nós são cópias, de cópias, de cópias... E os biblistas precisaram de ir fazendo uma cuidadosa investigação ao longo dos séculos para determinar qual de todas era a mais parecida com os originais. E segundo os estudos modernos, o Códice de São Petersburgo é considerado como o mais próximo do original, por ser o mais antigo manuscrito bíblico hebraico existente.

Graças ao impressionante esforço de milhares de copistas, que ao longo dos séculos trabalharam em condições precárias, de costas curvadas durante muitas e fatigantes horas, lendo de livros em mau estado, por vezes à escassa luz de uma vela, foi possível conservar o valioso tesouro da Palavra de Deus.

Mas em definitivo, o que Deus queria era que o conservássemos na nossa vida, no nosso coração e nas nossas atitudes. E ainda continua à espera.

Tradução

LOPES MORGADO